

A VOLTA DOS FILHOS PRÓDIGOS

PAUL MEADLO tem um rosto quase infantil. Vinte e dois anos, segundo rezam as biografias que os jornais publicaram; é casado, com dois filhos, o mais velho de três anos de idade. No entanto é um jovem quase imberbe, corpo um tanto para o gordo; um desses colegiais pacatos, sempre à margem das brincadeiras turbulentas. Ainda por cima, os óculos de aro escuro e a voz pausada e monótona dão-lhe um ar reflectido, tímido até.

Mas o americano tranquilo tinha afinal a consciência torturada e quis dizê-lo ao mundo. Apresentou-se à Columbia Broadcasting System, enfrentando milhões de espectadores para declarar que Pinkville, a aldeia massacrada, a Guernica do Vietnam, não era uma ficção macabra. Existia. Ele tinha estado lá.

«THE STANDARD PEOPLE?»

«Portanto», perguntou-lhe o entrevistador da CBS, «tomou parte no massacre da população?»

Resposta de Paul Meadlo: «Tomei. Cumprí as ordens do tenente Calley.»

CBS: «Quantas pessoas calcula que tenha liquidado?» (sic, liquidado).

Meadlo: «Um dez ou quinze.»

CBS: «Crianças também?»

Meadlo: «Sim, também crianças.»

CBS: «E nessa ocasião não lhe ocorreu lembrar-se dos seus filhos.»

Meadlo: «Nessa altura eu só tinha uma filha de dois anos.»

Aqui, fica-se perplexo com a evasiva da resposta. Mas o soldado que faz a sua confissão de arrependimento tem uma tão densa e terrível experiência a descrever que não dá tempo a uma pausa, a uma meditação. Soma e segue. Continua a evocar o pesadelo em que esteve mergulhado, na toada de sempre, lenta e obstinada, como se quisesse eliminar o menor efeito dramático que o absolvesse.

Depois vem a mãe, a figura típica da americana média de uma cidade do interior, algures em Indiana:

«Não sei... Ainda me custa a acreditar», murmura ela. «Mandei para lá um bom filho, é tudo o que posso dizer. Não sei, estou terrivelmente abalada com o sofrimento do meu Paul.»

O mundo pasma, as consciências pacificadas despertam, os nomes chovem. Um outro soldado, igualmente com vinte e dois anos, o negro Vernard Simpson acode lá de longe, de Jackson, no Mississipi, para testemunhar também a verdade sobre Pinkville. Atrás dele, surge um outro, Richard Pentle, 22 anos (mais uma vez) e o drama repete-se. Sim, Pinkville existiu. Figurava nos mapas do Vietnam como a aldeola de Song My e acabava de entrar na história com o sacrifício dos seus habitantes indefesos

Song My duas palavras que signi-

ficam (inacreditavelmente) Monte de Beleza. Pinkville, na nomenclatura americana da escalada asiática.

O CALENDÁRIO E A ROTINA

De altura média, rosto (também) quase imberbe, 26 anos, elegantemente fardado, eis uma personagem dos filmes de Hollywood que agora atravessa entre centenas de fotógrafos e das câmaras da televisão o jardim que conduz ao edifício militar onde vai prestar declarações. Chama-se Calley, William Calley, tenente expedicionário e protagonista de primeiro plano na tragédia de Pinkville.

Olha com certa curiosidade todo o aparato que o cerca, com alguma admiração, talvez. O acordar de uma aventura? O regresso à responsabilidade? E porquê só agora?

O capitão Ernest Medina comparece também às comissões de inquérito mas mantém-se fechado e duro como quando o interrogaram pela primeira vez no seu quartel de Columbus na Georgia. Não tem comentários a fazer, desmente as acusações de ter, por suas mãos, executado aldeões. As suas feições de filipino contraem-se a cada pergunta, limita-se a responder com monossilabos. Sim... Não... É falso...

E o desfile prossegue. Dong Tam, no delta do Mekong, aparece também na lista das aldeias mártires; os «dossiers» começam a acumular provas, o Senado e os altos comandos mergulham intensamente em operações de inquérito. Mas a pergunta subsiste: porquê só agora?

É que já em Abril do ano passado o processo de Pinkville tinha sido aberto por um veterano da guerra do Vietnam com vinte cartas que enviara ao Congresso. Depois dele vieram a *Life*, o *Look* e o *Newsweek*. Depois foi o republicano Charles Goodell quem levantou a voz, mas no momento em que as

autoridades militares superiores preparavam o início das investigações surge a palavra oficial do Vietnam do Sul a declarar que tudo aquilo não passava de calúnias sem fundamento destinadas a minar a moral e o prestígio... etc., etc. Ponto final, portanto.

O INSTANTE DA VERDADE

Segundo a lei norte-americana, nenhum soldado, depois de regressar à vida civil, pode responder por delitos cometidos em combate — a chave para explicar as confissões tardias de Meadlo e dos seus companheiros está aí. A do silêncio obstinado de Calley e de Medina também.

Mas a divulgação súbita de *la cause célèbre* de Pinkville tem certamente justificações complementares e não será inoportuno lembrar os litígios internos que se processam na Administração dos Estados Unidos, em face das dissidências relativamente ao orçamento espacial.

De qualquer forma, porém, a superfície turvada acalara-se. Dong Tam aparece como novo episódio a estudar e desta vez os devotos subservientes do Vietnam do Sul não ousaram pronunciar-se.

De resto que poderiam eles contra a voz daquele jovem que durante vinte e dois meses se manteve silencioso e torturado para em meia dúzia de minutos abalar o mundo com tal veemência?

Na mesma semana em que a Humanidade se sente gloriosa pelos três americanos astronautas que acabam de realizar um maravilhoso passo a caminho do futuro, estoutro americano, o ex-soldado Paul Meadlo, ficará irremediavelmente preso a um passado de ódio e sem sentido. E os filhos — pergunto eu — como poderão os filhos dele esquecer a terrível injustiça de que o pai foi executor — e vítima, afinal!

Londres, Dezembro de 1969

José Cardoso Pires

